

## Resumo expandido

Após adotar um modelo de crescimento econômico calcado no endividamento e no consumo, a economia norte-americana não conseguiu alcançar taxas de crescimento satisfatórias nos períodos recentes. Assim, estudo visa abordar os aspectos que explicam a dificuldade da economia norte-americana em manter altas taxas de crescimento ao longo dos anos 2000, destacando o papel do aumento do endividamento interno e externo.

O período de expansão da economia norte-americana nos anos que antecedem a atual crise (2008-2009) teve como principal elemento propulsor o consumo das famílias. O alto nível do endividamento foi um dos principais elementos de expansão, sancionado pela política econômica. Isso explica a alta propensão a consumir da economia norte-americana no período de expansão depois da crise de 2001. Como consequência inerente a este processo, ocorreu redução progressiva do nível de poupança, à medida que a renda crescia.

Desde os anos 19(80) do século passado tem se observado os déficits gêmeos – externos e fiscais – por parte das autoridades norte-americanas. A partir de 2001 observa-se uma forte ampliação destes déficits. Outro agregado, o investimento, pode ser visto como indicador da tendência que a economia norte-americana vem seguindo. O volume de inversões apresenta trajetória decrescente desde a década de (19)90, com queda acentuada ao longo dos anos 2000. Encabeçando o investimento durante a década de (19)90, os setores ligados à tecnologia da informação, que apresentaram crescimento vigoroso durante este período, sofreram um processo de esgotamento de oportunidades de investimento, deixando a economia norte-americana carente de novas formas de aplicação de excedentes.

Este cenário apresentava-se emoldurado ideologicamente pelos preceitos do neoliberalismo. Era este – e talvez ainda seja – o conjunto de políticas econômicas adotado pelos administradores, defendido oficialmente como o mais capaz de promover estabilidade e crescimento econômico. Esta ideologia predominante baseia-se em quatro premissas básicas (SAAD FILHO, 2009): i) capacidade de alocar recursos transferida para um sistema financeiro fortemente integrado; ii) transnacionalização das firmas e instituições financeiras, num processo conhecido como "globalização"; iii) intensificação do uso de instrumentos de disciplina social contra a classe trabalhadora, o que incluiria aumento da taxa de mais-valia, e iv) reconstrução de um sistema imperialista centrado nos Estados Unidos.<sup>1</sup>

Apresentam-se aí as bases do projeto neoliberal no qual estava inserida a economia americana durante a expansão da primeira metade dos anos 2000. O crescimento desenfreado do processo de financeirização da economia favoreceu a integração das famílias com o capital financeiro, especialmente entre os trabalhadores ingleses e americanos. Com isso o crédito pessoal atingiu patamares elevados, o que contribuiu para o endividamento da classe trabalhadora. Estes elementos cooperaram para que os impedimentos ao crescimento da economia norte-americana fossem contornados.

A dificuldade para o crescimento dos EUA pode ser resumida como uma baixa propensão marginal a investir doméstica, devida à queda da lucratividade nos setores industriais, devido a um aumento intensivo do capital fixo e progressiva desvantagem da produção local face ao exterior. A explicação keynesiana para a queda secular da eficácia marginal do capital está relacionada com a idéia de "oferta muito grande de capital. Existem dois movimentos que contribuem para a tendência de queda do incentivo ao investimento: a

---

<sup>1</sup> SAAD FILHO, Alfredo. 'Reflexões sobre a crise do neoliberalismo', in: *Revista Versus Acadêmica*, 2, agosto, pp. 36-43.

diminuição dos rendimentos previstos, a longo prazo, e o aumento do preço da oferta, a curto prazo (DILLARD,1993, p. 141).

A explicação para o baixo estímulo ao investimento nos Estados Unidos está relacionada a uma combinação de fatores, dentre os quais se encontram: (a) a perda de posições no mercado internacional das exportações norte-americanas, em decorrência da excessiva valorização relativa do dólar no mercado internacional, o que não reflete os níveis mais baixos de produtividade da indústria norte-americana face ao mundo, tal como outrora; (b) tendência para a queda de lucratividade do setor produtivo nos Estados Unidos, e em relação ao mundo, o que desestimula as inversões domésticas; (c) desestímulo a ganhos de produtividade pela excessiva presença da indústria de guerra, o que desestimula ganhos com relação à produção para o mercado civil.

Um dos principais elementos que impedem o crescimento da economia norte-americana é o binômio constituído pelos problemas de valorização do dólar e perda de competitividade internacional. Tal combinação facilitou o avanço dos concorrentes asiáticos no comércio mundial.

A política de desvalorização das moedas nacionais frente ao dólar tem sido frequentemente adotada por países em desenvolvimento. A situação dos Estados Unidos no que se refere ao comércio externo é caracterizada por esta condição imposta pelo câmbio de alguns países, em especial a China. A valorização do dólar frente a outras moedas contribui para que cada vez mais o país perca mercados para a China e outras nações em desenvolvimento, que conseguem tornar seus produtos mais competitivos ao manter suas moedas em baixa. A partir dos anos 2000 os Estados Unidos passaram a acumular déficits em transações correntes cada vez maiores, enquanto os países asiáticos formavam um grande volume de reservas cambiais. As autoridades norte-americanas têm acusado sistematicamente a desvalorização da moeda chinesa, bem como o acúmulo de vultosas reservas cambiais, como causa do que se convencionou chamar de "desequilíbrio global" (TAVARES, 1993).

Historicamente tal política industrial só foi dirigida ao setor militar, sendo este o responsável por quase todas as inovações que proporcionaram ganhos de produtividade. Assim, enquanto os asiáticos continuarem tendo ganhos de produtividade com base na exploração do fator trabalho, e os Estados Unidos continuarem estagnados neste quesito, continuará a haver perdas de posições no comércio internacional para os últimos.

A adoção do planejamento econômico surge, desta forma, como uma maneira de contornar a baixa propensão a investir verificada atualmente na economia norte-americana. Apesar de frequentemente identificado com as economias socialistas, o planejamento econômico constitui uma técnica aplicável a qualquer economia, independentemente da orientação ideológica do Estado.